

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano IV | Volume 9 | Nº 25 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.5835292>



REVISITANDO A OBRA “TORTO ARADO”

Vanessa de Castro Rosa¹

Resumo

O presente trabalho trata-se de uma resenha do livro “Torto Arado”, publicada originalmente em Portugal em 2018 e posteriormente no Brasil em 2019. Escrito por Itamar Vieira Júnior este qualificado romance não apenas recebeu diferentes prêmios, mas também conseguiu vender mais de 100.000 exemplares em função de retratar com enorme sensibilidade a realidade do Brasil Rural em um contexto em que o ensino, a ciência e a leitura sofrem ataques no país.

Palavras chave: Brasil Rural. Itamar Vieira Júnior. Torto Arado.

Abstract

The present work is a review of the book “Torto Arado” that has originally been published in Portugal in 2018 and later in Brazil in 2019. Written by Itamar Vieira Júnior this qualified novel not only received different awards but also achieved a record of 100,000 book sells due to great sensitivity to portray the reality of Rural Brazil in a context that teaching, science and reading have been under attack in the country.

Keywords: Itamar Vieira Júnior. Torto Arado. Rural Brazil.

A obra “Torto Arado”, publicada, em 2018, originalmente em Portugal foi vencedora do prêmio Leya e, em 2019, foi publicada no Brasil pela editora paulista “Todavia” e recebeu em 2020 os prêmios Jabuti e Oceanos.

Escrita pelo geógrafo e doutor em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Itamar Vieira Júnior, nascido em Salvador em 1979, servidor público do INCRA que desponta como o mais recente escritor brasileiro que conseguiu vender mais de 100.000 exemplares de um romance, num momento em que o ensino, a ciência e a leitura sofrem ataques no Brasil.

O livro de forma poética e candente narra a história de duas irmãs – Belonísia e Bibiana - ligadas por um evento trágico, que, logo nas primeiras páginas do livro, prende o interesse do leitor sobre o desfecho da situação e a origem daquela faca, objeto de atenção e curiosidade das irmãs Belonísia e Bibiana, mas também do leitor que se envolve na atmosfera de mistério sobre Donama, avó das meninas e guardiã da faca.

A história se passa no povoado na fazenda de Água Negra, localizada na chapada baiana, descrevendo com riqueza a vida e o ambiente deste pedaço do sertão na região dos rios Utinga e Santo Antônio, entre a seca impiedosa e o manancial de águas dos marimbus, neste cenário contraditório de secas e cheias, também se desenvolve a vida contraditória das personagens femininas – mulheres oprimidas e resistentes, representando a complexidade de ser mulher na aridez do sertão.

¹ Doutora em Direito. Mestra em Direitos Humanos. Graduada em Filosofia e em Direito. Professora da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). E-mail para contato: vanisros@hotmail.com



O marco temporal do livro pode ser compreendido no século XX, pois a seca que assola os personagens é comparada à impiedosa seca de 1932, a descrição do ambiente é tão rica e mostra com delicadeza a aridez de uma realidade agrária que se mostra atemporal, o leitor pode entender o livro como um relato atual ou histórico.

O livro, no melhor estilo machadiano, descreve, sutilmente, a violência doméstica contra a mulher e a persistência das relações servis entre trabalhadores e o dono da fazenda. A violência contra a mulher, compreendida como assunto íntimo de alcova, dos quais homens se tornam cúmplices pela omissão, que lhes garante o mesmo direito de agredir sem ser incomodado, vai além da violência física e reserva às mulheres o papel de parir novos trabalhadores.

A relação dos seres humanos com a terra é mostrada nas suas mais diversas nuances, no caráter sagrado de respeito à fonte de vida e de alimentos, no saber transmitido entre gerações para se aprender a sentir a terra, seus sons e sua vida, no conhecimento das plantas, suas estações, luas e necessidades, no respeito ao rio e suas águas claras com peixes que mantém viva a comunidade.

Gratidão também que se mostra em relação ao senhor da fazenda, passada de gerações em gerações como ato de respeito por permitir que a comunidade viva dentro da terra alheia, ali produzindo e reproduzindo a riqueza exclusiva do senhor jamais compartilhada com os habitantes do povoado.

Moradias precárias, erguidas pelo suor e solidariedade, sentimento que une a comunidade, construídas com barro, para não despertar interesse de herdeiros, nem se tornarem prova temporal da duração da moradia, a despeito de gerações nascerem no mesmo local, aprenderem a mesma cultura e religiosidade do jaré (religião de matriz africana típica da região descrita no livro), transmitida como herança cultural, por seus curadores e encantados.

Porém, da mesma forma que o jaré se enfraquece, a comunidade se divide, alguns tentando uma vida melhor buscam estudar, vão para a cidade, mas voltam por seus laços sentimentais, culturais e familiares estarem naquela terra, que agora se torna disputa entre o novo senhor de fazenda e os antigos trabalhadores, membros do povoado.

Um cenário em que o público e o privado se confundem, a escola pública municipal é construída com dinheiro público dentro da fazenda, com paredes de alvenaria e telhado, mas sem banheiro, para atender ao povoado que ali mora, trabalha, festeja, reza, vive e sobrevive, mas sem a certeza e sem o direito de poder chamar o seu chão de “seu”. E o cemitério do povoado, também dentro da fazenda, é fechado pelo dono, sob alegação de evitar multa ambiental, violando o direito de enterrar e cultuar seus mortos.

A roça no quintal da casa cumpre a função social da propriedade, trabalha a terra, para garantia do sustento da família, o que não é produzido é recebido em troca do excedente ou obtido com a troca do



dendê e do buriti na mercearia da vila. O dinheiro quase não é conhecido, o alimento é aquele fornecido pela terra e pelas circunstâncias da natureza.

O sustento é retirado do trabalho diário da terra, trabalho que cuida da terra para que ela sempre seja bondosa, e se apresenta como um limite à ganância e ao desejo do possuir, conforme ensinado por Zeca Chapéu Grande, chefe da família e curandeiro respeitado pela comunidade, ao responder ao filho o que é “viver de morada”, tentando explicar o porquê de sua família não ser proprietária da terra, embora sejam eles que trabalhem nela incansavelmente, afirma:

Trabalhe mais e pense menos. Seu olho não deve crescer para o que não é seu. [...] O documento da terra não vai lhe dar mais milho, nem feijão. Não vai botar comida na nossa mesa. [...] Está vendo este mundão de terra aí? O olho cresce. O homem quer mais. Mas suas mãos não dão conta de trabalhar ela toda, dão? Você sozinho consegue trabalhar essa tarefa que a gente trabalha. Esta terra que cresce mato, que cresce a caatinga, o buriti, o dendê, não é nada sem trabalho. Não vale nada. Pode valer até para essa gente que não trabalha. Que não abre uma cova, que não sabe semear e colher, mas para gente como a gente a terra só tem valor se tem trabalho. Sem ele a terra é nada (VIEIRA JÚNIOR, 2021, p. 185-186).

A relação de terra e trabalho é uma relação simbiótica na descrição da comunidade rural de Água Negra, contudo, seus habitantes acostumados com a gratidão pelo teto e pelo pedaço de chão emprestado para trabalhar e viver, começam a temer a possibilidade de perder o chão, o teto, o trabalho e os restos mortais de seus antepassados, além da esperança de deitar na sua cova eterna ao lado de seus familiares, quando o novo dono implanta uma nova política, para não serem acusados de exploradores de trabalho escravo. Agora, os trabalhadores serão obrigados a receber salário.

O tal de salário servia para comprar produtos ofertados no armazém do senhor da fazenda a preços altíssimos, havia duas opções: ou se tinha tempo e energia para caminhar longamente sob sol a pino até a cidade para poder comprar ali os produtos e sua necessidade ou se comprava no armazém da fazenda, que comia todo o salário e deixava a pessoa em dívida constante.

Quando Severo, genro de Zeca Chapéu Grande, começou a trazer ideias de direitos trabalhistas, mas principalmente de direito à propriedade, afirmando que a relação que tinham com o senhor da fazenda era uma relação servil, semelhante à época de cativos, e que eles eram trabalhadores e não servos e mereciam direito ao chão que viviam e trabalhava, além da ira do senhor, Severo logo sai de cena, em circunstâncias não esclarecidas pela polícia, cede espaço para sua esposa que assume a liderança da família e com a força da mulher do campo, se vê obrigada a lutar pela memória do marido e continuar a busca pelo direito à existência daquela comunidade.

O livro é composto de três partes, narradas, cada uma por uma mulher, contando a história de sua vida e da comunidade Água Negra, pois são inseparáveis, a vida particular e a vida daquela comunidade que começa a se descobrir como comunidade quilombola.



As narradoras dão voz à luta, às dores, ao modo de viver e à existência das mulheres no mundo rural, retiram da invisibilidade aquelas que dão à luz, cuidam das roças, criam os filhos, defendem a terra, mantêm viva a cultura e a religiosidade, se defendem, resistem e dão unidade aos grupos familiares.

Conclui-se que este livro se trata de uma leitura que toca a alma, retrata a injustiça no campo, a desigualdade social, o trabalho escravo, a importância da educação, da consciência de sua própria existência e da imprescindibilidade da luta e da solidariedade como condição para a vida. Este é “Torto arado” uma leitura necessária, para trazer a lume os conflitos rurais e a dignidade das mulheres camponesas.

REFERÊNCIAS

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Torto arado**. São Paulo: Todavia, 2019, 264 p.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano IV | Volume 9 | Nº 25 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima